

A BATALHA

Editor: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Intercolonial
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluído o Suplemento semanal,
Lisboa, mês 900; Portugal, 6 meses 2500;
África Portuguesa, 6 meses 7000; Estrangeiro,
mês 1000.

QUARTA-FEIRA, 26 DE NOVEMBRO DE 1924

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1844

OS CRIMES DA JUSTIÇA COMO É TRATADO O DELINQUENTE EM PORTUGAL

**Das mãos agressivas do raptor à esquadra da polícia, da esquadra
ao Governo Civil, do Governo Civil ao Limoeiro, deste à Boa-Hora**

Só quem um dia passou, inocente e de consciência tranquila pelas imundas enxovalhas nacionais, pode avaliar todo o péz de injustiça que esmagava aqueles que passam uma parte considerável da sua vida, empurrados nas prisões.

Somos, por princípio, contrários à perseguição, ao tribunal e, portanto, à enxovalha. Mas se somos forçados a viver numa sociedade onde todas essas desumanidades subsistem é porque não desejamos, pelo menos, que esses castigos injustos, impostos pela justiça, se tornem mais suaves e mais humanos?

Se não podemos desde já abolir as cadeias porque não claramos por mais ar, mais higiene, mais conforto e mais carinho, dentro dessas cadeias que os nossos pulsos ainda devessem poderem demolir?

Porque não reclamar a humanização da Penitenciária? Porque não lutar pela abolição da deportação para África, mil vezes mais horrível do que a pena de morte?

O que não se esquece

Inúmeros são os casos de indivíduos inocentes serem, por mera vingança pessoal ou, arremessados para os calabouços do Governo Civil, dêses para o Limoeiro, e do Limoeiro para África, onde só não perdem a vida, perdem alguma cousa mais valiosa do que a própria vida—ásaude.

Não esquecemos ainda as deportações dos rurais alemetanos que Sidônio Pais ordenou, quando dum movimento popular justíssimo contra a carentia da vida, não olvidamos também, as perseguições infames que António Maria da Silva mandou fazer, encerrando em fortes humidos e insalubres operários que nem culpa formada chegaram a ter, não se nos varre da memória, com facilidade, a série de injustiças que Ferreira do Amaral—a seu tempo comandante da polícia, tribunal e executor—tem praticado, quer mantendo à sua ordem homens na prisão, quer aplaudindo e incitando os actos bárbaros, como o dos Olivais. Monstruosidades dessa natureza não se esquecem. Ferem demasiado para que a dor nos não avise constantemente da sua existência.

Não nos é permitido quicá deixar de lembrar o cinismo frio e revoltante com que Barbosa Viana, o actual director da P. S. E., tem procedido à perseguição de elementos operários, cometendo tódas a casta de infâmias, desde o prolongamento insuportável da incommunicabilidade até à invenção pura e simples de acusações que não é capaz de provar.

Todas estas injustiças e iniquidades mais odiosas se tornam aos olhos de toda a gente de bem, quando nos lembramos de que é nas masmorras mais imundas e mais infestas que se obriga a permanecer homens que na sua maioria outro delito não praticaram senão o de pretender pensar-lhe.

Paulo, o pobre diabo

Admitamos por momentos a hipótese dum delinquente que caia nas garras das autoridades.

O Paulo, chamemos-lhe assim, é pródigo em plena rua por um polícia qualquer. Antes de mais nada é brutalmente agredido porque os guardas, seguros da impunidade e incitados pelos seus superiores, sentem um bárbaro prazer em provocar sangue.

E conduzido a uma esquadra e remetido ao calabouço enquanto o governo civil não ordena para transferi-lo para ali. O calabouço da esquadra é, em regra, uma casa escura, sombria, sem sol, sem ar, nem higiene. Os parasitas pulham e a comida fala, porque não há verba para lha dar. Se o Paulo não tem uma pessoa de família que por ele se interesse terá de passar fome até que o remetam para o governo civil. Se, por acaso, alguém por ele se interessar e lhe deixa uma manta para cobrir os ossos e um tacho de sopa para aquecer-lhe o estômago, não raro tem sido suceder que os chefes das esquadras do alto da sua cómica autoridade, proibam que tais confortos lhe sejam facultados.

No governo civil — O alojamento e o tratamento

Ei-lo no governo civil. O pobre Paulo não tem dinheiro. Não é um Magno? Não

O CLARIM

Há oito dias feitos que o jornalista-pai figura, como redactor principal do Diário de Notícias e ainda não nos foi dado o prazer de ler um único artigo na sua linguagem de clarim.

Integramos com tam estranho silêncio, um nosso reporter posse em campo em busca da explicação do facto eis o que apurou, sem grande esforço, do resto, graças ao feliz encontro de um informador autorizado:

— Não tem que estranhar...
— Bem sei, interrompemos. Ele é um grande mandrião...

— E certo, mas não é essa a razão por que V. não tem lido artigos do homem.

— Talvez ele tivesse mudado de estilete e não reconhecermos a sua prosa.

— Não é isso. Mesmo que mudasse de estilo a sua prosa é inconfundível... pela falta da gramática e vacuidade de ideias.

A razão é somente esta: o Amadeu de Freitas foi dado o nome de redactor principal do Diário de Notícias mas com a condição de não escrever uma linha.

— Ah!!

E aqui têm os leitores a razão porque no órgão da moagem não se ouve o desafio clarim do sr. Amadeu de Freitas.

FARÇANTE

O dr. Barbosa Viana é uma figura típica desta terra. E' como as velas dos moinhos—anda como o vento que lhe sopra.

Depois de ter praticado todo a casta de arbitrariedades, depois de ter mostrado mais reacionário do que os próprios reacionários, prepara-se para, cobardemente, sabujamente, lambes as botas ao novo governante a fim de não o arrancarem da sua cadeira de director da P. S. E.

Causam nauseas estes arremédos de genitilidades: tiranos e despóticos, quando têm a vara na mão, servis como escravos, quando ameaçam tirar-lha.

Barbosa Viana é dos que há de vir oferecer os seus serviços ao operariado para que V. não tem lido artigos do homem.

— Talvez ele tivesse mudado de estilete e não reconhecermos a sua prosa.

— Não é isso. Mesmo que mudasse de estilo a sua prosa é inconfundível... pela falta da gramática e vacuidade de ideias.

A razão é somente esta: o Amadeu de Freitas foi dado o nome de redactor principal do Diário de Notícias mas com a condição de não escrever uma linha.

— Ah!!

E aqui têm os leitores a razão porque no órgão da moagem não se ouve o desafio clarim do sr. Amadeu de Freitas.

Revolução no México

NEW-YORK, 25.—Segundo notícias recebidas nesta cidade, rebentou no México um novo movimento revolucionário, organizado pelo general Huerta e com o seu centro em Chihuahua.

O governo central enviou tropas para sufocar a rebelião.—(L.)

A instrução e o inquilinato

Mais escolas ameaçadas de despejo

Nos ministérios da Instrução e da Justiça continua-se dormindo sobre a situação das escolas por esse país fora.

Por falta de pagamento de rendas continuam muitas escolas primárias a serem encerradas.

Este facto lamentável, que vem sendo repetido com frequência, deve indignar todo o país, tam pobre de ensino e tam rico, por isso mesmo, de analfabetos.

Agora o caso deu-se com as escolas de Bustos, concelho de Oliveira do Bairro; Mamodeiro, freguesia de Requeixo, concelho de Aveiro; e Capeludos, concelho de Vila Pouca de Aguiar.

O proprietário da casa desta última escola, capitaneando uma chusma de caseros seus, foi à escola, que ainda estava funcionando, entrou com a sua gente e, sem mais reparos, mandou tirar todo o mobiliário e material escolar, fechou a porta e foi-se embora.

Não haverá meio de pôr termo a este estado de coisas!

Informam-nos também de Seia, que acabou de ser intentada uma acção de despejo contra a escola masculina da freguesia de Santiago, por falta de pagamento, e que outras acções vão ser intentadas.

Quando se decidirão os senhores da Justica, da Instrução e das Finanças a velas poucas escolas que o Estado mantém? Que o menos cuidem das que existem, já que não criam tantas, quantas as necessárias.

O resultado da "Voz do Operário" continua atravessando a mesma fase aguda e, sem receio, podemos dizer que aquela sociedade vai ser enormemente prejudicada com a precipitada decisão do sr. governador civil, mandando proceder à eleição dos corpos gerentes, sem que a comissão de sindicância tivesse entregue o seu relatório.

Esta resolução do governador civil causou grande estranhamento nos milhares de sócios auxiliares daquela instituição não se percebendo concretamente a razão de tanto tempo reclamada.

— Procedeu como devia, comunicando os factos ao governador civil.

— E esta autoridade?

— Percebeu que a atitude dos sócios efectivos tinha o propósito de impossibilitar a existência da comissão, motivo porque os demitiu, substituindo-os por sócios auxiliares.

— E a comissão entende-se entre si?

— A comissão manteve uma explêndida unidade de vidas em tudo o que se refere a despesa, ao progresso, administração e moralização da Sociedade. Este facto merece especial registo visto demonstrar que os sócios auxiliares sabem integrar-se intelligentemente nos objectivos daquela importante instituição, que é seu género, sem contestação, a primeira.

— E a campanha contra a comissão?

— Tem sido grande e feita com a maior das deslealdades. A mentira e a calúnia são armas maneladas por essa gente, para a todo o custo entravar a obra realizada pela comissão.

— Nessa campanha têm-se evidenciado dois jornais socialistas de insignificante importância. Os socialistas que fazem essas campanhas são demasiadamente conhecidos pela sua falta de sinceridade, pelas suas reviravoltas súbitas de opinião e pela sualeviade política e moral.

— O grande orador foi assassinado porque levava quasi tódas a sua vida batendo-se com uma heroicidade igualável contra a política de morticínio que mais tarde havia de levar a França para a maior carnificina de todos os tempos. Jaurés jurara, combatendo a calúnia e a rapina, que a guerra fraticida de 1914 não se daria. Foi por isso que o capitalismo e a finança mundial armaram as mãos do assassino que devia abater aquela voz que prometia impedir-lhes o caminho que elas delineavam há tanto tempo. As balas de Raúl Villain, membro do partido clérical, apagaram um vasto reacionário e pelo capitalismo assassinou, corajosamente, Jean Jaurés, que se despediu de sua morte.

— A campanha contra a comissão tem sido útil e aproveitável?

— A comissão é digna de todos os elogios. Ela tem feito em 4 meses o que se não tem feito há anos.

— A construção da sede também tem progredido e com uma grande economia. Já funciona a biblioteca que não se destina únicamente aos sócios, mas a todos os trabalhadores que desejem instruir-se. Fizemo-nos os refeitórios, a cantina escolar, desdobramos as aulas e fundo-nos, entre as crianças, uma caixa de solidariedade.

— Qual a sua opinião sobre a resolução do governador civil mandando proceder às eleições?

— Julgo que a sua deliberação foi precipitada, tanto mais que a comissão de sindicância ainda não lhe entregou o seu relatório.

— E que teria motivado essa precipitada deliberação do sr. Filipe Mendes?

— Quasi tenho a certeza que ela foi motivada por influências estranhas à colectividade.

— Essas influências?

— São feitas por algumas das criaturas que nessa questão têm procedido com a maioridade dos seus colegas expulsos na última greve, sem se recordar do que lhes devia por eles terem sabido, com grande coragem e grande abnegação, defender os seus interesses.

— Os melhores elementos do pessoal estão fora das fábricas?

— Os mais conscientes foram expulsos. A maioria do pessoal nunca procurou aperceber-se da questão social e estuda-la. Os que os podiam esclarecer-lhe, já lá não estão.

— E claro que, essa maioria, com uma desventurada ignorância e uma triste inconsciência, entende que a "Voz do Operário" deve ser encerrada.

— E como terminará esta questão?

— Ela acabará no dia em que uma rádioria de liberdade e de bom-senso invada as dependências da Companhia dos Tabacos e penetre nos cérebros tacanhas daquela parte do pessoal que persiste em combater os progressos e a instrução. São trabalhadores, figados inimigos de trabalhadores.

— E nessas últimas frases indiou o nosso entrevistado as suas declarações.

A "VOZ DO OPERARIO" EM FOCO

UMA CAMPANHA DE MENTIRAS E DE CALUNIAS

ORDIDA CONTRA A PROPRIA SOCIEDADE

Uma resolução precipitada do governador civil influenciada por criaturas que pretendem destruir uma obra de instrução para realizar mesquinhas ambições políticas

— Procedeu como devia, comunicando os factos ao governador civil.

— E esta autoridade?

— Percebeu que a atitude dos sócios efectivos tinha o propósito de impossibilitar a existência da comissão, motivo porque os demitiu, substituindo-os por sócios auxiliares.

— E a comissão entende-se entre si?

— A comissão manteve uma explêndida unidade de vidas em tudo o que se refere a despesa, ao progresso, administração e moralização da Sociedade. Este facto merece especial registo visto demonstrar que os sócios auxiliares sabem integrar-se intelligentemente nos objectivos daquela importante instituição, que é seu género, sem contestação, a primeira.

— E a campanha contra a comissão?

— Tem sido grande e feita com a maior das deslealdades. A mentira e a calúnia são armas maneladas por essa gente, para a todo o custo entravar a obra realizada pela comissão.

— Nessa campanha têm-se evidenciado dois jornais socialistas de insignificante importância. Os socialistas que fazem essas campanhas são demasiadamente conhecidos pela sua falta de sinceridade, pelas suas reviravoltas súbitas de opinião e pela levidade política e moral.

— O grande orador foi assassinado porque levava quasi tódas a sua vida batendo-se com uma heroicidade igualável contra a política de morticínio que mais tarde havia de levar a França para a maior carnificina de todos os tempos. Jaurés jurara, combatendo a calúnia e a rapina, que a guerra fraticida de 1914 não se daria. Foi por isso que o capitalismo e a finança mundial armaram as mãos do assassino que devia abater aquela voz que prometia impedir-lhes o caminho que elas delineavam há tanto tempo. As balas de Raúl Villain, membro do partido clérical, apagaram um vasto reacionário e pelo capitalismo assassinou, corajosamente, Jean Jaurés, que se despediu de sua morte.

— A campanha contra a comissão tem sido útil e aproveitável?

— A comissão é digna de todos os elogios. Ela tem feito em 4 meses o que se não tem feito há anos.

— A construção da sede também tem progredido e com uma grande economia. Já funciona a biblioteca que não se destina únicamente aos sócios, mas a todos os trabalhadores que desejem instruir-se. Fizemo-nos os refeitórios, a cantina escolar, desdobramos as aulas e fundo-nos, entre as crianças, uma caixa de solidariedade.

— Qual a sua opinião sobre a resolução do governador civil mandando proceder às eleições?

— Julgo que a sua deliberação foi precipitada, tanto mais que a comissão de sindicância ainda não lhe entregou o seu relatório.

— E que teria motivado essa precipitada deliberação do sr. Filipe Mendes?

— Quasi tenho a certeza que ela foi motivada por influências estranhas à colectividade.

— Essas influências?

<p

O raso do liceu de Coimbra

O professor Aurélio Quintanilha completamente ilibado de uma campanha difamatória

Referimo-nos aqui à campanha difamatória levantada contra o dr. Aurélio Quintanilha, assistente da Faculdade de Ciências de Coimbra, por um grupo de reacionários que pretendia imputar pela calúnia um professor que não comunga nos seus credos.

Coimbra tem sido um coio de reacionários, e não é portanto de estranhar que todas as pessoas que não olham com ternura um passado de negra intolerância e obscurantismo sejam, por todas as formas, guerreiros. Tratando-se como se tratava de reacionários, que admira, pois, que a calúnia não fosse a arma escolhida?

Demos há dias a notícia da moção de solidariedade aprovada pelos assistentes da Faculdade de Ciências de Coimbra; hoje, por ser interessante, transcrevemos a moção aprovada pela Faculdade de Ciências e sancionada pelo Senado Universitário da cidade:

Considerando que o decreto n.º 10.295, de 15 do corrente, priva ilegalmente a Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra da posse de bens há muito usufruídos pelo seu Instituto Botânico — posse reconhecida pelo decreto com força de lei n.º 4.554, de 6 de Julho de 1918 (artigo 38); Considerando que aqueles bens estavam sendo destinados a serviços universitários (artigo 39.º do referido decreto n.º 4.554), como a Faculdade provou na sua representação de 3 de corrente ao sr. ministro da Instrução Pública, e que, por isso, era legítima a sua aplicação; Considerando que o decreto n.º 10.295 confunde «serviços universitários» com «serviços de ensino», que estes são apenas uma fração daqueles e que o objectivo dum Instituto Botânico não é senão o avanço da Ciência Botânica e o perfeito conhecimento da flora nacional; Considerando que o esboço mencionado, sem as compensações a que alude o citado documento de 3 de corrente, vem tolher toda a possibilidade de expansão do Instituto Botânico de Coimbra e desorganizar completamente os seus serviços, cuja supervisão — na parte que lhe diz respeito — o director do Jardim acaba por tal motivo de abandonar, requerendo licença ilimitada; Considerando que o Instituto Botânico de Coimbra fica sendo o único em todo o mundo que não dá habitação a «pessoal algum», de «qualquer categoria», tendo recebido mandado do despojo velhos e zelosos empregados, que ali sempre residiram; Considerando que sem o pato por onde comunicam o Laboratório, a Biblioteca e o Herbario, ficam estas dependências, com o seu valioso material de estudo, praticamente inutilizadas; Considerando, enfim, que a representação de 3 de corrente, inspirada num largo espírito de conciliação e na defesa de altos interesses universitários e nacionais, foi votada a completo abandono pelo sr. ministro da Instrução Pública;

Resolve o Conselho da Faculdade de Ciências: I.º Protestar contra as disposições arbitrárias, injustas e anti-universitárias do decreto n.º 10.295, de 15 de corrente; II.º Solicitar providências que, removendo as causas de asfixia criadas no Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, assegurem a sua vida normal e permitam o seu progresso.

Com este documento fica completamente aniquilada a miserável e caluniosa campanha levantada contra o dr. sr. Aurélio Quintanilha, uma questão que afinal de contas devia ter sido contra o director do Museu Botânico, se não houvesse o fato de um professor por não ser reacionário.

Rusos vão talvez tomar partido pelos sérvios contra a Áustria e vão dizer:

“O meu coração de grande povo slavo não admite que se faça mal ao pequeno povo slavo da Sérvia”. Sim, mas quem feriu a Sérvia no coração? Quando a Rússia interveu nos Bálcãs em 1877, e quando ela criou uma Bulgária pseudo independente, na intenção de a ter fechada nas mãos, disse à Áustria:

“Deixa-me agir e, em compensação, confiar-te-hei a administração da Bósnia-Herzegovina”, a administração, compreendes o que entre diplomatas isso quer dizer, e no dia em que a Áustria-Hungria recebeu ordem de administrar Bósnia-Herzegovina, ela não teve senão um pensamento: administrá-la o melhor possível a favor dos seus interesses.

Cidadãos! Na obscuridão que nos cerca, na profunda incerteza em que estamos sóbre o que será o dia de amanhã, não queremos pronunciar uma única palavra temerária, espero, apesar de tudo que o prenuncio do enorme desastre de que estamos ameaçados, fará hesitar os governos, e, não temos de estremecer de horror ante o pensamento do desastre que seria, hoje para os homens uma guerra europeia.

Vistes a guerra dos Bálcãs. Um exército quase inteiro sucumbiu nos campos de batalha e nos leitos dos hospitais um exército de trezentos mil homens que deixou por terra nos campos de batalha, nas valetas dos caminhos e nas camais dos hospitais infectados pelo tifo com mil criaturas.

Pensai no que seria o desastre para a Europa: não seria como nos Bálcãs um exército de 300.000 homens, mas 4, 5 e 6 exércitos de 2 milhões de homens. Que desastre, que massacre, que ruínas, que barbarie! E eis porque, quando a nuvem da tempestade paira sóbre nós, eis porque em quanto ainda esperar que o crime não se consumará. Cidadãos, se a tempestade estalar, todos nós socialistas, temos a obrigação de impedir o crime que os dirigentes cometem e se nos restarem algumas horas, redobraremos os esforços para evitar a catástrofe...”

A questão de Marrocos

As tropas espanholas continuam a retirada
Berenguer ferido. O conde de “Espa...” afundou-se

MADRID, 25.—O comunicado oficial de Marrocos diz continuar sem incidente de maior a retirada das tropas espanholas, tendo chegado a Tetuán parte dos fôrças que guarnecem Benakir, vindos na coluna dos feridos o general Frederico Berenguer, que deu ingresso no hospital em estado satisfatório.

O general Primo de Rivera deve vir brevemente à metrópole tratar de assuntos particulares, tam depressa lhe permitem as circunstâncias das operações de retirada, que espera levar a cabo com êxito.

O temporal continua a fazer-se sentir fortemente em Melilla, ocasionando importantes prejuízos nas obras do porto. A ondulação do mar é impõente e há quatro dias que não chega um único vapor.

O general Magaz, presidente interino do Directorio Militar, declarou aos jornalistas que a ruína do temporal ocasionou consideráveis destroços no couraçado «España», encalhando no cabo das Trez Fôrças, destruindo por completo as câmaras e desmantelando as torres e a ponte do comando, que foi arrastada para terra pela agna. O navio afundou-se de prós, estando unicamente à vista parte da popa. A lamentável catástrofe torna impossível a continuação dos trabalhos de salvamento. —

Um armistício entre Primo e Abd-el-Krim?

A Inglaterra pretende intrameter-se

LONDRES, 25.—A Inglaterra está preocupada com a marcha dos acontecimentos de Marrocos, pois se afirma estar concluído um armistício entre o general Primo de Rivera e Abd-el-Krim, que entra em vigor logo que as tropas espanholas ocupem a linha determinada nas negociações.

Acrescenta-se que a Espanha abandonaria depois, toda a sua zona de influência, o que deverá levar a França a tomar as medidas necessárias para evitar que a agitação do Riff atinja a sua própria zona.

A tese francesa, segundo a qual o problema interessa apenas à França e à Espanha, não é aceite em Londres, onde se considera que a Inglaterra está particularmente interessada, em consequência das suas extensas marés comerciais do Mediterrâneo e da proximidade de Gibraltar. —

Trabalhadores: Lede a Batalha

O cadáver de Sacadura Cabral ainda não apareceu

No ministério da marinha recebeu-se anteontem de Amestardão um rádio comunicando ter aparecido o cadáver de Sacadura Cabral no canal de Inglaterra.

Do porto de Monsanto procurou-se obter a confirmação desse telegrama pelos radiotelegrafistas franceses, o que não se conseguiu.

Devido ao temporal, que tem avariado grande parte das linhas, não tem sido possível obter informações por meio da Central telegráfica, que só às 18 horas de ontem recebeu um telegrama de Paris dizendo que em Bolonha apareceu mais um «pacote» de hidro-avião.

Em virtude do nevoeiro e mau tempo no golfo de Biscaya, ainda não saíram de Brest os dois Fokkers, tripulados pelos tenentes aviadores Rosado e Mota.

Herriot defende na Câmara a atitude do povo da trasladação

PARIS, 25.—O sr. Herriot, respondendo à interpelação do sr. Taittinger, declarou que o governo aceita o debate imediato para pôr fim à agitação fictícia provocada pelas «direitas» a propósito da manifestação de domingo, desmentindo os boatos que correram acerca de pretendidas desordens. A atitude do povo de Paris foi tanto admirável que bastaram algumas simples barragens da polícia para permitir que o cortejo desfilasse normalmente. O sr. Herriot protestou indignadamente contra as versões que apresentam o general Nollet como fugido cobardeamente em frente dos manifestantes, afirmando com veemência que se todos os partidos adotam a doutrina da Liberdade e da Ordem, o governo procura conciliar a Ordem com a Liberdade. O governo defende os princípios republicanos contra os ataques comunistas, da mesma forma que os defende contra a reacção. Não pode, porém, deixar de aplicar a lei republicana que permite que as banderas vermelhas com inscrições... (R.)

A ânsia de liberdade

Prêso ferido com um tiro quando tentava evadir-se

José Pereira Costa, 38 anos, da Ericeira, preso no forte de Monsanto por furto, quando ontem andava a trabalhar num terreno próximo, lançou pimenta nos olhos dum guarda pondo-se a seguir em fuga. O guarda perseguiu-o, disparando um tiro que o atingiu nas costas. Recolheu à sala de observações do hospital de São José.

RHEUMA Xarope Peitoral TOSSES Bromélicas Constipações Instituto Pasteur de Lisboa R. N. Almada, 99

VANTAGENS DA MORAL CRISTÃ...

Um padre que mata um rural

e que pretende que o irmão da vítima seja condenado em seu lugar!

Está sendo julgado no tribunal de Vila Franca de Xira o padre José Cristovam Freire, prior de Arranhó, que próximo dessa localidade, incluída no concelho de Arreda dos Vinhos, matou a tiro o rural Manuel Marques depois de lhe ter recusado o pagamento dum dia de trabalho que lhe devia.

O padre José Cristovam, para evitar de responder no tribunal como autor da morte de Manuel Marques, serviu-se de toda a sua influência na religiosidade fanática, no beatismo dementes que iam à igreja, para conseguir que fosse acusado em vez dele, o irmão da vítima. Deus foi logo posto ao seu serviço para conseguir que um inocente sofresse por ele a cedência e a acusação. Porém, a mentira era tão evidente que o irmão da vítima não chegou a ser preso.

Apresentou-se no julgamento, com uma audácia extraordinária, fitando com arrogância o auditório e repetindo novamente que Manuel Marques fôr morto pelo seu próprio irmão.

No decurso do julgamento, o padre acolheu as testemunhas de acusação com arrogância e tacou com grande violência o dr. Ramada Curto, o advogado da acusação, sendo juiz bastantes vezes camado à ordem.

Pelo depoimento de algumas testemunhas não fanatizadas constatou-se que o padre Cristovam vivia com Maria da Conceição de quem tinha dois filhos. Esta vivia em casa dele, com sua mãe, que também se chamava Maria da Conceição.

No processo constava um bilhete do padre com estes dizeres:

“Maria arranja testemunhas para dizer que foi o António Marques que matou o irmão.”

Esta Maria ou é a «mulher» do padre ou sua mãe.

Não nos agrada ou desagrada que o padre fosse condenado ou absolvido. O que importa aqui, primeiro de que tudo, é pregar à Espanha e à França as vantagens de devoção à fé.

Apresentou-se no julgamento, com arrogância e tacou com grande violência o dr. Ramada Curto, o advogado da acusação, sendo juiz bastantes vezes camado à ordem.

Os comunitários que se acham presentes no julgamento devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

Os juízes devem lembrar-se que o julgamento é de direito comum, e não de direito canônico.

TEATROS, MÚSICA, CINEMAS

NO NACIONAL

Ave de rapina, de Américo Durão

Américo Durão fez bem em chamar à sua recente obra peça rústica e não peça regional.

Uma peça regional obriga sempre a um conjunto de circunstâncias difíceis de realizar, se o dramaturgo tem a consciência do que faz e do objetivo a que se dirige.

Em Portugal o teatro de região poucos

pode apresentar que realmente signifique um estudo do local, considerado nas tendências dos seus habitantes, no recorte da sua paisagem e no vínculo acentuado da sua dialetica.

Depois, outras dificuldades avolumam a transcendência duma tal realização, em que

não basta o pulso habil e forte dum come-

diógrafo pujante, a um tempo, pintor e psico-

logo; mas em que é preciso, naturalmente,

a segura, definitiva e erudita orientação

dum ensaiador competente, animoso e in-

teligente.

Américo Durão, até nessa cautela de clas-

sificar a sua peça, mostrou a compreensão clara

que tem do que seja teatro, não se

aventurando a lançar ao acaso para público

um drama regional com todas as responsa-

bilidades da sua factura, com toda a signifi-

ciação da sua essência e da sua finalidade.

"Ave de rapina" é um drama singelo

feito de duas ou três pinceladas vigorosas,

salpicado de uma ou outra nota de emo-

ção, enleado com observado critério ao

fatalismo humano e preso como não podia

deixar de ser à superstição própria da re-

gião e dos seus naturais.

Há neste peça o contraste interessante

do homem calmo (Manuel) com a inquieta-

ção da vida nomada dos ciganos testados

do sol — tráficos nos negócios e no amor.

Neste confronto eu julgo que Amé-

rico Durão não poe em contacto a oposi-

ção de duas raças quando depois de nos

familiarizar com o cígano nos trouxe à sei-

sibilidade a paisagem douraada do ribatejo.

Parece-me assim, porque os elementos de

que o autor se serviu, seriam escassos para

tal conseguimento. Não há vida alentejana,

como não há vida ribatejana. Para isso é

muito pouco a cal sadia das paredes da

casa de Manuel e o travamento mordido

de fumo da estalagem dos ciganos. Por tu-

do isto, Américo Durão fez bem em cha-

mar sómente "Ave de rapina", drama rús-

tico.

Há dois pontos na peça que me parecem

muito certos. Um deles consiste em afri-

car quase exclusivamente, a frequência dos

ciganos ao Alentejo; o outro é o que nos

mostra o instinto sanguinário do cíngano.

Quanto ao primeiro, diremos que efecti-

vamente no norte do nosso país a passa-

gem do cíngano pelas feiras é quase nula,

mas no que respeita ao centro e sul de

Portugal e espôsas a sua assistência em to-

dos os lugares em que haja negócios a

fazer, principalmente, do gado cavalar em

que a embusice e a destreza deste, intere-

sante o povo nomada, são posta à prova. O

cíngano é sempre "trapasseiro" nos seus ne-

gócios, bulhento no seu convívio é cioso

dos seus amores, que não saem nunca do

ambito restrito das suas caravanas ou da

sua raça. Eu conheço até penalidades a que

ficam ainda hoje sujeitos os ciganos do se-

xo feminino que se aliam a indivíduos es-

tranhos à sua raça, e sei também, o repu-

do com que são recebidas as mulheres es-

tranhos que entram no seu lar *errante*.

O cíngano é quase sempre desordeiro, mas as

sus diferenças com a "outra gente" aju-

dam-se, com frequência, por forma traigo-

ra, e o contendor é surzido com um bom

caceté, joga jôgo eles conhecem superior-

mente, raras vezes com arma cortante ou

de fogo.

Mas, se a peça de Américo Durão terá

falhado neste ponto, em que eu não tocaria

se não fôr a ação que os ciganos têm no

drama, é incontestável que como técnica é

excelente, sem excusadas habilidades e ex-

cessiva declamação imprópria de teatro

desta natureza. "Ave de Rapina" tem direi-

to a que o teatro português a inscreva en-

tre os seus bons originais, pela concisa-

pela honestidade e pela singela estilização,

serena umas vezes, impetuosa em outras,

mas sempre equilibrada e pacimoniosa.

Extraordinário de justez e de verda-

de, trabalho de José Ricardo, flagrante de

observação e de rudesias a maneira como

Clemente Pinto fez o seu papel, sóbrio,

Pinto, etc., etc.

NOITE DE HOMENAGEM A EDUARDO BRAZÃO

Realiza-se esta noite em São Carlos a ré-

cia de homenagem a Eduardo Brazão, com

um magnífico programa. Os artistas do Na-

cional irão interpretar o drama rítmico "Ave de Rapina" de Américo Durão.

Edmundo Brazão, Lucinda Simões, Lucília

Simões e Erico Braga representam a deliciosa

peça dos Quintero "Manhã de Sol", seguindo-se-lhe, uma allocução escrita por Santos Tavares, lida por Rafael Marques, terminando o espetáculo pela evocação de algumas figuras criadas pelo homenageado interpretadas por José Ricardo, Clemente Pinto, Erico Braga, Samuel Denis, Rafael Marques, Nascimento Fernandes, Robles Monteiro, António Pinheiro, Amarante, Luis

Pinto, etc., etc.

RECITA DE HOMENAGEM A EDUARDO BRAZÃO

Realiza-se esta noite em São Carlos a ré-

cia de homenagem a Eduardo Brazão, com

um magnífico programa. Os artistas do Na-

cional irão interpretar o drama rítmico "Ave de Rapina" de Américo Durão.

Edmundo Brazão, Lucinda Simões, Lucília

Simões e Erico Braga representam a deliciosa

peça dos Quintero "Manhã de Sol", seguindo-se-lhe, uma allocução escrita por Santos Tavares, lida por Rafael Marques, terminando o espetáculo pela evocação de algumas figuras criadas pelo homenageado interpretadas por José Ricardo, Clemente Pinto, Erico Braga, Samuel Denis, Rafael Marques, Nascimento Fernandes, Robles Monteiro, António Pinheiro, Amarante, Luis

Pinto, etc., etc.

RECITA DE HOMENAGEM A EDUARDO BRAZÃO

Realiza-se esta noite em São Carlos a ré-

cia de homenagem a Eduardo Brazão, com

um magnífico programa. Os artistas do Na-

cional irão interpretar o drama rítmico "Ave de Rapina" de Américo Durão.

Edmundo Brazão, Lucinda Simões, Lucília

Simões e Erico Braga representam a deliciosa

peça dos Quintero "Manhã de Sol", seguindo-se-lhe, uma allocução escrita por Santos Tavares, lida por Rafael Marques, terminando o espetáculo pela evocação de algumas figuras criadas pelo homenageado interpretadas por José Ricardo, Clemente Pinto, Erico Braga, Samuel Denis, Rafael Marques, Nascimento Fernandes, Robles Monteiro, António Pinheiro, Amarante, Luis

Pinto, etc., etc.

RECITA DE HOMENAGEM A EDUARDO BRAZÃO

Realiza-se esta noite em São Carlos a ré-

cia de homenagem a Eduardo Brazão, com

um magnífico programa. Os artistas do Na-

cional irão interpretar o drama rítmico "Ave de Rapina" de Américo Durão.

Edmundo Brazão, Lucinda Simões, Lucília

Simões e Erico Braga representam a deliciosa

peça dos Quintero "Manhã de Sol", seguindo-se-lhe, uma allocução escrita por Santos Tavares, lida por Rafael Marques, terminando o espetáculo pela evocação de algumas figuras criadas pelo homenageado interpretadas por José Ricardo, Clemente Pinto, Erico Braga, Samuel Denis, Rafael Marques, Nascimento Fernandes, Robles Monteiro, António Pinheiro, Amarante, Luis

Pinto, etc., etc.

RECITA DE HOMENAGEM A EDUARDO BRAZÃO

Realiza-se esta noite em São Carlos a ré-

cia de homenagem a Eduardo Brazão, com

um magnífico programa. Os artistas do Na-

cional irão interpretar o drama rítmico "Ave de Rapina" de Américo Durão.

Edmundo Brazão, Lucinda Simões, Lucília

Simões e Erico Braga representam a deliciosa

peça dos Quintero "Manhã de Sol", seguindo-se-lhe, uma allocução escrita por Santos Tavares, lida por Rafael Marques, terminando o espetáculo pela evocação de algumas figuras criadas pelo homenageado interpretadas por José Ricardo, Clemente Pinto, Erico Braga, Samuel Denis, Rafael Marques, Nascimento Fernandes, Robles Monteiro, António Pinheiro, Amarante, Luis

Pinto, etc., etc.

RECITA DE HOMENAGEM A EDUARDO BRAZÃO

Realiza-se esta noite em São Carlos a ré-

cia de homenagem a Eduardo Brazão, com

um magnífico programa. Os artistas do Na-

cional irão interpretar o drama rítmico "Ave de Rapina" de Américo Durão.

Edmundo Brazão, Lucinda Simões, Lucília

Simões e Erico Braga representam a deliciosa

peça dos Quintero "Manhã de Sol", seguindo-se-lhe, uma allocução escrita por Santos Tavares, lida por Rafael Marques, terminando o espetáculo pela evocação de algumas figuras criadas pelo homenageado interpretadas por José Ricardo, Clemente Pinto, Erico Braga, Samuel Denis, Rafael Marques, Nascimento Fernandes, Robles Monteiro, António Pinheiro, Amarante, Luis

Pinto, etc., etc.

RECITA DE HOMENAGEM A EDUARDO BRAZÃO

Realiza-se esta noite em São Carlos a ré-

cia de homenagem a Eduardo Brazão, com

um magnífico programa. Os artistas do Na-

cional irão interpretar o drama rítmico "Ave de Rapina" de Américo Durão.

A BATALHA

O MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

O problema da frente única

Nunca pronunciado no Congresso do Partido Socialista da Áustria, Frederico Adler, socialista reformista austriaco, disse o seguinte a propósito da frente única do proletariado preconizada pelos Comunistas: «Tudo isso nos agrada muito. Estamos encantados por ouvirmos falar «em fazer todos os esforços para se conseguir a unidade». Mas se queremos compreender, o que é que vale este novo «mot d'ordre» não temos outra coisa a fazer senão recordarmos como esta Internacional Sindical Vermelha foi fundada em Moscovo no mês de Agosto de 1920. E' então que nós reconhecemos a imprudência dos comunistas, que especulam sobre a fraca memória dos homens, quando usam falar da unidade sindical. Zinoviev, quando da fundação da I. S. V. preconizou a ruptura com a Internacional de Amsterdão, e luta contra ela, e o agrupamento dos sindicatos sob a direção da Internacional Comunista.

Adler no seu discurso citou também os estatutos da I. S. V., onde se diz que a fundação desta marca «o começo da luta encarniçada no seio do movimento sindical do mundo, de hoje para o futuro dividido pelo «mot d'ordre»: Amsterdão ou Moscovo». Nas condições de admissão à Internacional Sindical Vermelha, elas que cláusula é a estipulada... 6º A ruptura completa de todas as relações com a Internacional amarela de Amsterdão.

Esta gente — ajuntou — que é de propósito deliberado, é determinada a destruir a Internacional de Amsterdão poe-se hoje a reclamar a unidade sindical. Na verdade, querem penetrar na Federação Sindical Internacional para executar lá dentro, o que não puderam fazer de fora. Ainda para isso, invocam o princípio do conselho operário austriaco: que éles entrem, mas que se comprometam a respeitar na Internacional Sindical a democracia proletária.

Embora para os sindicais revolucionários tanto valham os Adler e Fimmen como os Tomsky e Monmonseau, o que é facto é que não podem deixar de reconhecer como absolutamente exactas as palavras de Adler sobre a sinceridade dos comunistas no que se refere à unidade sindical.

Falta de trabalho em Los Angeles, Califórnia

Segundo o jornal «Los Angeles Times» o operário da cidade de Los Angeles está sofrendo uma grave crise de falta de trabalho.

Em quanto há milhares de homens e de mulheres à procura de emprego, muitas fábricas e oficinas só trabalham alguns dias na semana. Não há indústria ou negócio onde isto não suceda;

Na indústria do vestuário só trabalham agora 50% dos operários, e estes mesmo só três ou quatro dias por semana.

Nas tipografias acontecem casos identicos. Um jornal reduziu o seu pessoal noturno de 12 a 5 homens.

Em quanto a União dos Carpinteiros luta pela manutenção do salário diário a nove dólares, os desempregados oferecem-se por 5,4 e até por 2,50 dólares.

Fenômenos idênticos se observam nos campos de petróleo, nas minas metálicas, etc. Segundo a União dos Maquinistas, nas grandes fábricas de máquinas o horário foi reduzido de oito a seis horas por dia, com uma redução do salário proporcional à diminuição do número de horas. Nalgumas fábricas os operários trabalham quatro dias numa semana e seis na seguinte.

A greve em Fall River, Mass

Já há quinze meses que em Fall River se nota uma depressão individual. Enquanto nas outras cidades, onde existem fábricas e oficinas só trabalham alguns dias na semana. Não há indústria ou negócio onde isto não suceda;

Na indústria do vestuário só trabalham agora 50% dos operários, e estes mesmo só três ou quatro dias por semana.

Nas tipografias acontecem casos identicos. Um jornal reduziu o seu pessoal noturno de 12 a 5 homens.

Em quanto a União dos Carpinteiros luta pela manutenção do salário diário a nove dólares, os desempregados oferecem-se por 5,4 e até por 2,50 dólares.

Fenômenos idênticos se observam nos campos de petróleo, nas minas metálicas, etc. Segundo a União dos Maquinistas, nas grandes fábricas de máquinas o horário foi reduzido de oito a seis horas por dia, com uma redução do salário proporcional à diminuição do número de horas. Nalgumas fábricas os operários trabalham quatro dias numa semana e seis na seguinte.

A atividade operária na Tchecoslováquia

Notícias chegadas de Berlim dizem que na Tchecoslováquia, os comités operários, a central dos comités das fábricas e oficinas, durante uma conferência tomaram uma série de decisões importantes no que diz respeito ao movimento operário da república. Uma nova conferência será convocada para os dias 7 e 13 de Dezembro. Foram criados

PELO SUL E SUESTE

Postergam-se os direitos

de funcionários antigos,

nomeando novos empregados

Há pouco efectuaram-se concursos nos Caminhos de Ferro do Estado — Direcção do Sul e Sueste — para empregados de estatuto de 2.ª classe, aos quais concorreram além dos particulares, empregados dos mesmos Caminhos de Ferro, muitos deles com pouco tempo de serviço, tendo-se já feito a nomeação para esta categoria dos candidatos classificados, que certamente irão ficar adiados por os quadros do pessoal já estarem completos. Sucede que funcionários com 10 a 30 anos de serviço que ainda se encontram na situação de adidos que se efectuam concursos para praticantes de escritório, estando já os concorrentes a prestar serviços na situação de associados e eventualmente, em número superior ao dos quadros.

Há ainda praticantes de estação com 4 a 8 anos de serviço, numa situação difícil, e que tendo prestado concurso há 3 e 4 anos para aspirantes, ainda não foram nomeados a pesar dessa nomeação ser permitida pelas vagas existentes, e estando a prestar serviços correspondentes a categoria superior aquela para que têm concurso desde que prestam serviço aos Caminhos de Ferro.

Assim se estão prejudicando empregados que, pelo tempo que têm de serviço, deveriam merecer mais um pouco de consideração à Direcção do Sul e Sueste.

A Fábrica Nacional de Vidros

O proletariado vidreiro de Marinha Grande reclama a sua reabertura

MARINHA GRANDE, 24.—No passado domingo reuniu o operário da indústria vidreira desta localidade, em grande número, para apreciar a paralisação da Fábrica Nacional, o que veio agravar a crise de trabalho que atravessa a classe.

O assunto foi largamente debatido por vários camaradas, todos unâmes em reconhecer a conveniência de serem tomadas resoluções de forma a melhorar-se a situação dos vidreiros.

Por último foi resolvido nomear uma comissão que irá a Lisboa reclamar do ministro do Trabalho a reabertura da Fábrica Nacional, comissão que se fará acompanhar por dois delegados da C. G. T.

A comissão ficou assim composta: Joaquim Freitas Nobre, comissão administrativa da «Nacional», Euílio Alves, dos manipuladores de cristal, Joaquim Bernardino dos garrafeiros, Manuel Marques, dos metalúrgicos; Joaquim Alves Freitas, dos manipuladores de vidraça.

COSTUREIRA

Faz, volta fatos, sobretudos, etc. Perfeitos. Preços de camarada.

Rua 4 de Infantaria, 17, cave.



INTERESSES DE CLASSE

Apelo aos operários manufactureres de Calçado, Couros e Peles de Coimbra

Os vinte distritos correspondentes aos distritos industriais e nos quais terão lugar as conferências regionais.

Foram tomadas várias decisões respeitantes à organização dos congressos regionais e nacionais dos conselhos de empresas.

Resumindo foi definido o trabalho de diversas comissões (comissões de salários, comissões de impostos, comissão política e social).

Em Stratoni procederam-se as eleições dos comités das fábricas.

Os operários alemães lutam pelos seus interesses

Segundo informam os jornais alemães, em Gleiwitz, 120 delegados representando 75.000 operários da Alta-Silesia empregados em 18 grandes empresas, reúnem-se numa conferência e aderiram ao programa das reivindicações de Gotha. Eles exigem principalmente 40% de aumento nos salários e oito horas de trabalho. Além disso exigiram a libertação imediata de todos os detidos políticos.

Falta de trabalho em Los Angeles, Califórnia

Segundo o jornal «Los Angeles Times» o operário da cidade de Los Angeles está sofrendo uma grave crise de falta de trabalho.

Em quanto há milhares de homens e de mulheres à procura de emprego, muitas fábricas e oficinas só trabalham alguns dias na semana. Não há indústria ou negócio onde isto não suceda;

Na indústria do vestuário só trabalham agora 50% dos operários, e estes mesmo só três ou quatro dias por semana.

Nas tipografias acontecem casos identicos. Um jornal reduziu o seu pessoal noturno de 12 a 5 homens.

Em quanto a União dos Carpinteiros luta pela manutenção do salário diário a nove dólares, os desempregados oferecem-se por 5,4 e até por 2,50 dólares.

Fenômenos idênticos se observam nos campos de petróleo, nas minas metálicas, etc. Segundo a União dos Maquinistas, nas grandes fábricas de máquinas o horário foi reduzido de oito a seis horas por dia, com uma redução do salário proporcional à diminuição do número de horas. Nalgumas fábricas os operários trabalham quatro dias numa semana e seis na seguinte.

Uma greve em Natron Cutoff

Declararam-se em greve em Natron Cutoff 40 campos, ocupando treze mil homens, advogado deste, falou novamente com o dr. Domingos dos Santos, actual presidente do ministério — com o dr. Pedro de Castro, ministro da Justiça, sobre a situação dos preços entregues ao governo, há mais de dezoito meses, ficando mais uma vez estas entidades de tratar deste momento assunto.

Também junto do presidente do ministério este secretariado demonstrou que, em face das resoluções do governo ainda se encontra preso e incomunicável na esquadra de Santa Marta o operário da construção civil Daniel Severino, e que o dr. Domingos dos Santos ficou de mandar pôr em liberdade, por se encontrar cercado da liberdade há 12 dias, o que representa uma violência por parte do comissário geral da polícia, Ferreira do Amaral.

Também este secretariado trouxe da situação do preso Rodolfo Marques da Costa, que há 53 dias se encontra na esquadra do Campo Grande.

Este secretariado vai brevemente tratar junto do ministro da justiça, sobre a questão dos hospedes, em que a lei do inquérito nada trata, e, especialmente, sobre a questão dos foros, para o que este secretariado tem imensas reclamações dos organismos rurais.

SITUAÇÃO DOS PRESOS

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem, novamente, este secretariado, acompanhado do dr. Sobral de Campos, advogado deste, falou novamente com o dr. Domingos dos Santos, actual presidente do ministério — com o dr. Pedro de Castro, ministro da Justiça, sobre a situação dos preços entregues ao governo, há mais de dezoito meses, ficando mais uma vez estas entidades de tratar deste momento assunto.

Também junto do presidente do ministério este secretariado demonstrou que, em face das resoluções do governo ainda se encontra preso e incomunicável na esquadra de Santa Marta o operário da construção civil Daniel Severino, e que o dr. Domingos dos Santos ficou de mandar pôr em liberdade, por se encontrar cercado da liberdade há 12 dias, o que representa uma violência por parte do comissário geral da polícia, Ferreira do Amaral.

Também este secretariado trouxe da situação do preso Rodolfo Marques da Costa, que há 53 dias se encontra na esquadra do Campo Grande.

Este secretariado vai brevemente tratar junto do ministro da justiça, sobre a questão dos hospedes, em que a lei do inquérito nada trata, e, especialmente, sobre a questão dos foros, para o que este secretariado tem imensas reclamações dos organismos rurais.

Queixas e reclamações

Coisas dum «Passarinho»

Na 6.ª secção de Via e Obras dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste existe um capataz de apelido Passarinho, que nas relações com os seus subordinados não prima pela correção e acusa aqueles que dão parte de docente que a sua esposa deu a seu conselho, quando esta estava no parto 41 em Tavira, e é em Faro, e que se acostumasse a tratar como deve os homens suas ordens.

Um salário que é uma afronta

Na 1.ª secção das obras públicas, estrada n.º 155, há um cantoneiro com 30 anos de serviço, chamado Manuel Martins, de 77 anos de idade. O seu cantão compreende a estrada do Ramalhal, onde cruzam as estradas de Cascais e de Lisboa, até ao Alto-Forte, junto do Rio de Mouro, ou seja uma légua.

Pois esta criatura recebia há poucos meses 25\$00 diárias, depois foi aumentado com duas subvenções, sendo o seu salário actual de 38\$00. Como se tivesse aleijado no serviço, admitiram um outro, e meteram 10 homens a trabalhar com 1250 diários.

Ao Manuel Martins, mandam-no para a estação de Sintra varrer.

E' inacreditável que assim se menopresse a vida de um homem envolvido no serviço. O salário que se paga a Manuel Martins é uma injúria ao trabalho honesto, e a esse operário já deveria ter sido concedido a reforma pois que a ele tem todo o direito.

Pela indústria têxtil

O operário de Ceia deve integrar-se no sindicalismo revolucionário

CHIA, 24.—É lamentável que o operário têxtil déste concelho se não organize, a fim de pelejar pelo seu bem estar.

Em Lariga, o operário freqüenta sómente a associação católica, tomando a sério os conselhos do padre, um jesuíta régio.

Quando será que os trabalhadores têxtils déste concelho se libertarem das fábricas e ingressam no caminho da luta em prol dum sócio de classe, onde depois de tanto trabalho, impediu entretanto que ele reduza os trabalhadores à miséria.

Deverá esta reunião magna a Federação dos Trabalhadores da Indústria de Conservas, que corresponde a uma necessidade de há muito sentida.

Postergam-se os direitos

de funcionários antigos,

nomeando novos empregados

Há pouco efectuaram-se concursos nos Caminhos de Ferro do Estado — Direcção do Sul e Sueste — para empregados de estatuto de 2.ª classe, aos quais concorreram além dos particulares, empregados dos mesmos Caminhos de Ferro, muitos deles com pouco tempo de serviço, tendo-se já feito a nomeação para esta categoria dos candidatos classificados, que certamente irão ficar adiados por os quadros do pessoal já estarem completos. Sucede que funcionários com 10 a 30 anos de serviço que ainda se encontram na situação de adidos que se efectuam concursos para praticantes de escritório, estando já os concorrentes a prestar serviços na situação de associados e eventualmente, em número superior ao dos quadros.

Há ainda praticantes de estação com 4 a 8 anos de serviço, numa situação difícil, e que tendo prestado concurso há 3 e 4 anos para aspirantes, ainda não foram nomeados a pesar dessa nomeação ser permitida pelas vagas existentes, e estando a prestar serviços correspondentes a categoria superior aquela para que têm concurso desde que prestam serviço aos Caminhos de Ferro.

Assim se estão prejudicando empregados que, pelo tempo que têm de serviço, deveriam merecer mais um pouco de consideração à Direcção do Sul e Sueste.

Mais um artístico selo de propaganda

23 de sair com a remodelação de A BATALHA

CARTA COM 100 SELOS

UM ESCUDO



LISBOA

— LISBOA —

E' necessário odiar igualmente o despótismo que perpetua a ignorância, e a ignorância que perpetua o despótismo... TURGOT.



O SINDICALISMO EM MARCHA

Vai constituir-se a União dos Sindicatos Operários em Marinha Grande

MARINHA GRANDE, 24.—O movimento operário desta vila, desde Maio que vem tomando um grande desenvolvimento, merece a tenacidade de alguns elementos da classe vidreira. Depois do 1.º de Maio já se organizaram os sindicatos dos operários da construção civil e metalúrgicos que, com os sindicatos dos cristaleiros e manipuladores de vidraça, vão constituir a União Local.

A iniciativa partiu da última sessão dos vidreiros, sendo acolhida com agrado geral por toda a assistência.

Em breve vai realizar-se uma reunião de delegados dos organismos locais, refinado que estudará as bases do novo organismo federal e nome